

MÉTODO INOVA DE ENSINO: AVANÇOS E DESAFIOS

GOMES, Lara de Oliveira ¹
MEIRELES, Gabriela Silveira ²

RESUMO

Problema: Como os/as alunos/as do 1º período do curso de Psicologia percebem as mudanças e permanências relacionadas ao modelo INOVA de ensino, proposto pelo UNIFAGOC (Centro Universitário Governador Ozanam Coelho), a partir do primeiro semestre de 2019? **Objetivo:** Compreender o processo de adaptação, as relações de ensino-aprendizagem, a metodologia de ensino em funcionamento, bem como mudanças na relação entre os/as alunos/as e na prática dos/as professores/as. **Método:** A pesquisa foi realizada por meio de questionário impresso composto por quatro perguntas: três discursivas e uma objetiva. As perguntas foram entregues a 37 alunos, durante o horário de aula. **Resultados:** O método INOVA traz aspectos positivos, como maior autonomia dos alunos com relação ao próprio processo de aprendizagem, maior interação entre grupos de alunos, menor hierarquia entre professor/alunos. No entanto, ainda existem desafios, como a conciliação entre trabalho e estudo, a dificuldade na interpretação de textos científicos por parte dos alunos, etc.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Método INOVA. UNIFAGOC.

1 Bacharelanda em Pedagogia - UNIFAGOC. larago-
mes252@gmail.com

2 Docente do curso de Pedagogia - UNIFAGOC. gabrielasil-
veirameireles@gmail.com



INTRODUÇÃO

O contemporâneo se caracteriza por uma sociedade horizontalizada e em rede. O acesso à internet possibilitou abertura para uma infinidade de interpretações acerca dos diferentes tipos de conhecimento. Em outras palavras, a sociedade dicotômica, polarizada e piramidal deu lugar a uma sociedade em rede, na qual existe a democratização do saber (MOSÉ, 2018). As informações e os conteúdos não são mais exclusividade dos espaços educacionais ou dos livros, elas podem ser facilmente acessadas, através da Internet.

Desse modo, surge a necessidade de mudança no modelo educacional. Se o acúmulo de conhecimentos produzidos ao longo da história se encontra disponível nas diversas camadas da rede, o ensino deve minimamente apontar para algo além da transmissão de conteúdos. Ser capaz de provocar reflexão, argumentação e criticidade, assim como capacidade de criar dentro e fora da sala de aula são alguns dos diversos desafios que surgem para o papel do professor e das instituições de ensino no contexto educacional. Para Paulo Freire (1987, p. 33), o ensino deve se apropriar da cidade, considerando o contexto e a realidade à qual o/a aluno/a pertence:

Falar da realidade como algo parado, estático, compartimentado e bem comportado, quando não falar ou dissertar sobre algo completamente alheio à experiência existencial dos

educandos vem sendo, realmente, a suprema inquietação desta educação. A sua irrefreada ânsia. Nela, o educador aparece como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é "encher" os educandos dos conteúdos de sua narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação. A palavra, nestas dissertações, se esvazia da dimensão concreta que devia ter ou se transforma em palavra oca, em verbosidade alienada e alienante. Dai que seja mais som que significação e, assim, melhor seria não dizê-la.

A Escola da Ponte em Portugal é um exemplo de instituição que "se orienta no sentido de trabalhar para a formação da cidadania, autonomia, responsabilidade e solidariedade, de forma democrática e comprometida" (MARCHELLI; DIAS & SCHMITD, 2008, p. 287). Os/as alunos/as aprendem por meio de projetos de pesquisa desde a educação básica, os/as professores/as são considerados tutores, não há divisão de séries e quem cuida da escola são os próprios alunos/as. Eles são levados a selecionar e interpretar os conteúdos que já estão disponíveis na Internet, desenvolvendo pensamento crítico, autonomia, bem como a habilidade de aprender a aprender.

O método INOVA do UNIFAGOC – Centro Universitário Governador Ozanam Coelho surgiu com base em metodologias ativas como essa, tendo como inspiração universidades que são exemplos no mundo como MIT - Massachusetts Institute of Technology e Harvard University. Utiliza-se a metodologia Blended Learning, conhecida na área como Ensino Híbrido, que combina práticas pedagógicas do Ensino Presencial e da Educação à Distância (EAD). A sala de aula invertida ou flipped classroom é uma das abordagens adotadas por essa metodologia, na qual "o

conteúdo e as instruções sobre um determinado assunto curricular não são transmitidos pelo professor em sala de aula" (VALENTE, 2014, p. 1). De outro modo, esses conteúdos são estudados pelos alunos antes das aulas, que passam a ser destinadas a discussões e atividades baseadas na resolução de problemas enfrentados na prática por grupos sociais, empresas e organizações.

Através dos estudos dirigidos disponíveis no SIGA – Sistema Integrado de Gestão Acadêmica, "os estudantes aprendem os conceitos fundamentais da sua área por meio de materiais e conteúdos oferecidos pelos professores" (UNIFAGOC, 2019, s. p.). Já o o Projeto Integrador surge como atividade realizada semestralmente, objetivando um aprendizado ativo e interdisciplinar, em que a aplicabilidade do conhecimento em situações concretas é compreendida.

MÉTODOS

Esta pesquisa foi realizada no primeiro semestre de 2019, como parte do Estágio Básico Supervisionado em Psicologia Escolar e contou com a participação de 37 alunos matriculados no 1º período do curso de Bacharelado em Psicologia, oferecido pelo Centro Universitário Governador Ozanam Coelho - UNIFAGOC. Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado um questionário impresso, envolvendo quatro perguntas, três discursivas e uma objetiva, que possibilitaram tanto a análise qualitativa como a quantitativa dos resultados obtidos.

O questionário foi entregue no dia 27 de maio de 2019, no horário das aulas noturnas, e foi respondido em aproximadamente 20 minutos. As perguntas se destinaram à compreensão do modo como os/as alunos/as percebem as mudanças que o método INOVA traz; da concepção que possuem acerca da "sala de aula invertida", que é um dos princípios fundamentais desse método; do quão importante consideram o "Projeto Integrador" para o futuro profissional; e do nível de dificuldade que eles/as apresentam

em cada uma das atividades que devem realizar dentro das propostas do método.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A primeira pergunta do questionário teve como foco investigar a percepção dos/as alunos/as sobre aspectos do modelo INOVA que diferem do método tradicional de ensino oferecido pelas escolas. Sobre a abordagem tradicional, é necessário compreendermos que se trata da forma de ensino predominante ao longo de toda a história, caracterizando-se por passividade, repetição e não criação de conteúdo. Nesse método, o ensino se dá por meio da transmissão, em uma relação hierárquica na qual o professor, enquanto dono do saber, transmite seu conhecimento ao aluno, que é considerado uma espécie de tábula rasa e não terá suas vontades e interesses levados em consideração. Desse modo, a educação se restringe à escola e funciona como um produto, já que os modelos a serem alcançados estão pré-estabelecidos (MIZUKAMI, 1986).

Como principal diferença entre o ensino das escolas e o que está sendo oferecido pelo método INOVA, os/as alunos/as destacaram que, neste método, eles devem estudar os conteúdos previamente, para depois tirar as dúvidas nas discussões em sala. Trata-se da “sala de aula invertida”, porém nenhum deles citou essa expressão. Dentre as respostas, uma aluna diz que o novo método traz “aulas explicativas do conteúdo postado” e outra afirma que “raramente tem explicação”, apontando para uma contradição na forma como os/as alunos/as percebem as aulas e para uma incerteza com relação ao que é definido como aula explicativa.

Um dos alunos alegou, ainda, que o ensino nas escolas é muito tradicional, com pouca participação dos alunos, enquanto o INOVA “está inovando”. No entanto, não deixou claro o que se pretendia dizer com a palavra “inovar”. Outra, no mesmo sentido, afirmou que “é complicado de adaptar, pois tudo é novo”. Cabe citar aqui

respostas que revelam um desconhecimento, por parte dos alunos, acerca dos princípios metodológicos utilizados no método INOVA ou sobre em que consiste o próprio método: “Não me foi explicado como funciona o método INOVA”; “Não sei responder a essa pergunta”, ou seja, quando indagados sobre o que o método traz de “novo”, esses/as alunos/as disseram que não sabem o que é o método e o que ele traz de diferente. Para eles/as, falta clareza sobre o que está sendo feito.

Apesar de a primeira pergunta ser apenas sobre as diferenças entre o método tradicional e o que está sendo oferecido pelo INOVA, nas respostas dadas também foi possível encontrar comentários tanto negativos como positivos em relação ao método. Os positivos foram: “o novo método não permite acúmulo de matéria, facilitando a administração dos estudos”; “há maior liberdade e autonomia”; “maior interesse pela dificuldade dos alunos”; “o aluno fica em destaque, como foco em sala de aula”; “facilidade de aprendizado, através da exposição de dúvidas”; “construção diversa e fora da curva”; “oportunidade para trocas relevantes em sala de aula”; “atividades em grupo e vídeos que facilitam o aprendizado”. Já os negativos foram: “as aulas deveriam ser expositivas”; “é mais fácil quando é apresentado o conteúdo”; “pouco tempo para ler muito conteúdo”.

As respostas dos/as alunos/as mostraram que o novo método (INOVA) “permite dar mais conteúdo”; que “houve mudanças no modelo/ posição de cadeiras da turma e maior utilização do SIGA. Já as provas quinzenais foram vistas de modo negativo pela maioria, porém um dos alunos destacou que elas são importantes. Citaram também o fato de as matérias serem “mais divididas”, o que aponta para a fragmentação do saber, que Viviane Mosé (2013, p. 52) define como “o modo mais eficiente de controle social, quer dizer, da submissão de pessoas a um modelo excludente de sociedade”.

Com relação aos aspectos positivos da “sala de aula invertida”, os/as alunos/as destacaram que ter o conteúdo em casa e poder

fazer uma leitura antecipada possibilita uma maior interação com a matéria antes da aula e permite trazer dúvidas para o professor, além de promover a discussão em sala. De acordo com eles/as, é possível focar mais no material e “aprender a aprender”, “aprender a estudar em casa e buscar mais conhecimento”. As “matérias” ficam mais fáceis de serem entendidas; as aulas ficam mais dinâmicas, menos expositivas e rendem mais, o que aumenta a agilidade com que os conteúdos são passados e gera um bom aproveitamento dos/as professores/as em sala. Com isso, há uma maior oportunidade para trocas entre os/as alunos/as e de participação em sala de aula, uma maior autonomia e comprometimento, com a possibilidade de escolher o momento em que se deseja estudar, aumentando a interação através das plataformas digitais.

Duas respostas afirmaram que essa abordagem “força” e “obriga” o/a aluno/a a estudar e a ler como aspecto positivo. Contudo, como mostra Paulo Freire (2016, p. 83), o desejo de aprender deve estar presente como requisito essencial do processo educativo: “sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino [...]”. Com a curiosidade domesticada posso alcançar a memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto, mas não a aprendizagem real ou o conhecimento cabal do objeto”.

Em relação aos aspectos negativos, a falta de tempo para estudar, a grande quantidade de conteúdo e a dificuldade em interpretar os textos foram os principais fatores citados pelos/as alunos/as. Sobre a falta de tempo, em decorrência da grande quantidade de conteúdo, eles escreveram, entre outras coisas: “é muito conteúdo para pouco tempo”; “são poucos dias para estudar antes de fazer uma prova”; “muitas vezes não tem aulas necessárias para tirar dúvidas”; “quem não tem tempo para ler, não consegue ter noção de toda a matéria” e “fica totalmente perdido dentro da sala”; que “a falta de oportunidade para antecipar o conteúdo gera uma sensação de atraso em relação aos demais alunos”; que “as matérias são passadas

com muita rapidez e as provas quinzenais são aplicadas em um curto período de tempo”; que “é muita matéria para quem trabalha e não tem tempo para estudar”; que “os textos postados costumam ser grandes e algumas vezes diante das atividades extras da faculdade não tem aula da matéria e o material é cobrado mesmo assim”. Sobre a dificuldade na compreensão dos textos, eles/as afirmaram que: “o material é muito complexo”; “ler textos científicos em casa é difícil”; “boa parte dos alunos não entende o conteúdo sem a presença de um professor, tomando muito tempo em sala”; “causa muitas dúvidas na hora de estudar por conta própria”.

Algumas respostas revelam preferência pelo método tradicional de ensino. Um dos alunos aponta: “seria bom que fosse desembolado tudo em sala de aula”. Outra resposta deixa ainda mais claro o apego pelas aulas expositivas: “não acho que o conteúdo tem que ser discutido, acho que tem que ser explicado”. A última exemplifica o que mais aparece nas respostas de todos/as e que também está na lógica da preferência pelo método tradicional: “As aulas poderiam ser para falar da matéria que está sendo estudada, isso não acontece em todas as disciplinas e prejudica quem trabalha e não tem tempo de estudar, além de muito material para ler, postam vídeos também, não é em todas as disciplinas que o professor discute o material na aula, alguns professores perguntam se temos dúvidas: claro que temos, o assunto é novo, precisamos aprender sobre”. Um/a dos/as alunos/as acredita, ainda, que “as pessoas que não estão acostumadas a estudar terão muita dificuldade no início e poderão dizer que não tem tempo para os estudos”, mostrando a existência de opiniões diferentes, que, às vezes, se mostram contraditórias.

Outras colocações dizem respeito ao “menor auxílio para o entendimento da matéria e acompanhamento no estudo dessa”; à “falta de organização e comunicação”; à “dificuldade em lembrar de todas as dúvidas durante a aula na mesma proporção de quando está lendo em casa, receio em estar perguntando demais, deixando algumas questões de lado”; e ao fato de

que “a aula não rende, porque quase ninguém lê o conteúdo e o professor fica perdido sem saber o que fazer”. Os/As alunos/as colocaram também como pontos negativos a disposição das carteiras: “maior oportunidade para alunos inquietos dispersarem a atenção, dificuldade em assistir/visualizar o que é projetado pelo Datashow” e a “maior comunicação em grupos já formados e menor comunicação com os outros”.

As respostas dos/as estudantes foram muitas vezes contraditórias. O que ora percebiam como positivo, ora passavam a perceber como negativo. Um exemplo disso é o ensino conteudista. Primeiro, eles/as destacaram que era possível trabalhar uma maior quantidade de conteúdo, evitando o acúmulo de “matérias”, como aspecto positivo. Porém, em seguida, eles consideraram negativa a grande quantidade de conteúdos para estudar e apareceram respostas alegando que o professor ficava perdido, porque os/as alunos/as não faziam o estudo antecipado e, com isso, “a matéria não rendia” ou que não houve aulas suficientes para tirar as dúvidas antes da avaliação. Ao mesmo tempo, alguns desejavam mais aulas explicativas, ou seja, aulas mais conteudistas.

Parece haver, ainda, uma tendência em compreender o papel do/a professor/a como aquele que transmite conhecimento. Nesse sentido, se a aula não se desenvolve por meio da transmissão de conteúdo, para quem durante muito tempo presenciou aulas no método tradicional, parece significar que nada está sendo feito pelo/a professor/a. Sabemos que a autonomia exige responsabilidade. Nesse caso, se o método INOVA é capaz de oferecer autonomia, ele gera a responsabilidade nos/as alunos/as da “administração” de uma maior quantidade de conteúdo.

O método INOVA surge, para esses/as alunos/as, como o principal desafio diante da falta de tempo para o estudo antecipado e a leitura dos textos. É comum entre os/as estudantes do período noturno o fato de enfrentarem uma dupla jornada de trabalho e estudo, “com significações distintas, a conciliação entre o

trabalho e estudo visando um futuro melhor [...] gerando dificuldades e desafios” (ABRANTES, 2012, p. 2). Devido às dificuldades geradas, “mesmo tentando conciliar trabalho e estudo, enfrentando o tempo e o cansaço do dia-a-dia, os estudantes trabalhadores não conseguem alcançar a dedicação ao estudo necessário ao percurso acadêmico” (ABRANTES, 2012, p. 5).

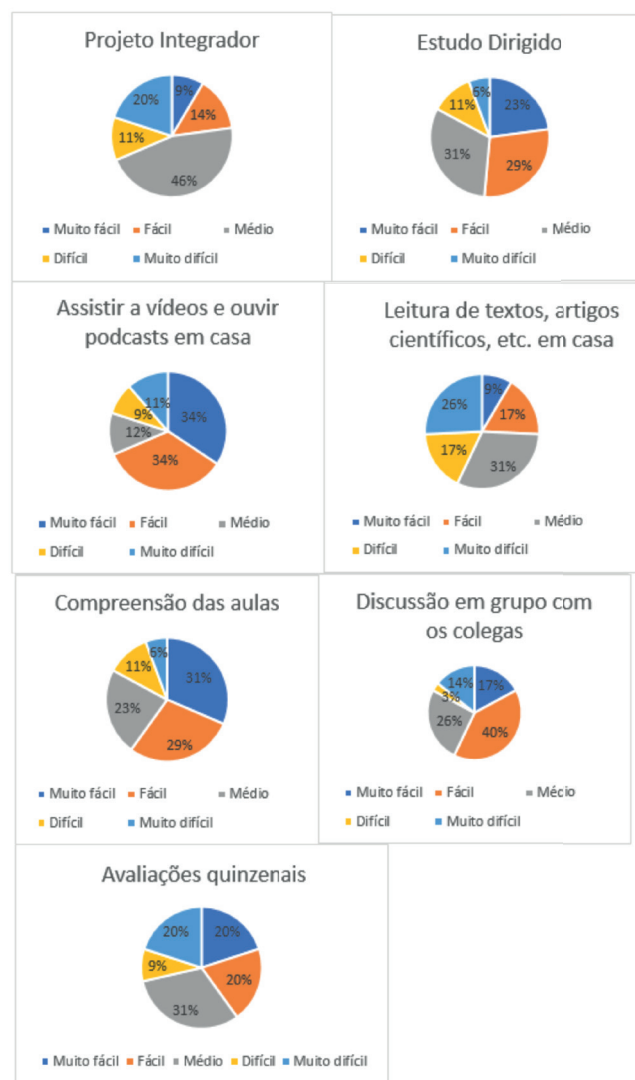
Acerca da importância do Projeto Integrador, todos/as reconheceram a relevância da atividade, principalmente por permitir o contato com a prática em Psicologia e com a pesquisa científica, possibilitando “a integração dos alunos com instituições e profissionais da área ou de outras áreas” e auxiliando até mesmo na escolha profissional, por permitir o conhecimento dos diferentes campos de atuação. Segundo eles, o trabalho é capaz de aproximá-los da sociedade e do compromisso social que possui o profissional de Psicologia. No entanto, houve também algumas críticas dizendo novamente da falta de tempo, além das incertezas diante da realização dessa atividade. Entre as respostas estão: “Importante, mas muito exaustivo para quem trabalha e já tem pouco tempo para o estudo”; “Importante, porém complicado”; “sinceramente ainda não sei considerar essa importância. Estamos vendo sobre isso agora no 1º período. Acredito que todo trabalho na faculdade terá uma grande importância para nossa formação”.

Os resultados quantitativos da questão que tratou do grau de dificuldade dos/as alunos/as de Psicologia em diversas atividades realizadas no método INOVA apontam que: 8,57% dos/as alunos/as consideram o Projeto Integrador muito fácil; 14, 28% acreditam que essa atividade é fácil; quase a metade deles (45,71%) encontram uma dificuldade mediana no Projeto Integrador; 11,42% consideram “difícil” essa atividade e 20% afirmam ser “muito difícil”. Com relação ao Estudo Dirigido: 22,85% acreditam ser muito fácil; 28,57% percebem como sendo fácil; 31,42% afirmam haver uma dificuldade mediana; 11,42% consideram difícil e 5,71% muito difícil. Sobre assistir a vídeos e ouvir podcasts em casa: a mesma porcentagem (34,28%) considera muito

fácil e fácil, totalizando 68,56% do total de alunos/as; a mesma porcentagem (11,42%) dos/as alunos/as acredita que se trata de uma atividade com dificuldade “média” e “muito difícil” e apenas 8,57% considera difícil. Já no quesito “Leitura de textos, artigos científicos, etc. em casa”, 8,57% dos/as alunos/as consideram “muito fácil”; A mesma porcentagem (17,14%) afirma ser “fácil” e “difícil”; 31,42% encontra dificuldade mediana e 25,71% afirma ser muito difícil. Acerca da compreensão das aulas, 31,42% considera “muito fácil”; 28,57% afirma ser fácil; 22,85% aponta para uma dificuldade mediana; 11,42% percebem como sendo “difícil” a compreensão das aulas e 5,71% percebem como “muito difícil”. Na “Discussão em Grupo com os Colegas”, 17,14% consideram “muito fácil”; 40% afirmam ser fácil; 25,71% percebem uma dificuldade “média”; apenas 2,85% acreditam ser “difícil” e 14,28% “muito difícil”. Por fim, com relação às “Avaliações Quinzenais”, a mesma porcentagem (20%) dos alunos considera as provas “muito fácil”, “fácil” e “muito difícil”, sendo que 31,42% acredita haver dificuldade “média” e 8,57% considera “difícil”. Na sessão “Anexo 1” estão os gráficos de todos os resultados, tornando possível a análise como um todo do nível de dificuldade nas principais atividades propostas pelo método INOVA.

De acordo com esses dados, a atividade que os/as alunos/as consideraram mais difícil foi “a leitura de textos, artigos científicos, etc. em casa”, o que se apresenta em consonância com a dificuldade apontada por eles para realizar a leitura prévia dos textos, dentre os aspectos negativos da “sala de aula invertida”. Em segundo lugar, entre as atividades mais difíceis, aparecem o “Projeto Integrador” e as “Avaliações Quinzenais”. Já a atividade considerada mais fácil foi “Assistir a vídeos e ouvir podcasts em casa”, seguida de “Compreensão das Aulas”, o que remete novamente à preferência por aulas explicativas, sejam elas dadas em sala de aula ou através de vídeos e/ou podcasts.

Figura 1 a 7: Aspectos relacionados ao Método INOVA



Fonte: dados da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O método INOVA se apresenta como uma nova possibilidade de ensino dentro de um contexto em que o método tradicional ainda se faz predominante. Toda mudança gera dúvidas e insegurança, carecendo de tempo para que haja adaptação, tanto por parte dos estudantes, quanto por parte dos professores. Não cabe a este trabalho defender um único ponto de vista, positivo ou negativo, mas sim apontar para as diferentes percepções dos estudantes que

participaram desta pesquisa e que vivenciam o método. Essas percepções contribuem para um aprimoramento da qualidade de ensino.

Sem dúvidas, cada vez mais se tornam necessárias mudanças no sistema educacional brasileiro, principalmente considerando que a educação é a base para a formação de cidadãos éticos e responsáveis. Inspirar-se em outras possibilidades de se fazer o ensino, que são referências para o mundo, é um passo considerável e corajoso que demonstra preocupação com a qualidade de ensino. Esse ponto, por si só, já pode ser considerado um grande avanço para Ubá e região. Porém, nenhum sistema é perfeito a ponto de não poder ser melhorado e aprimorado; nesse caso, o feedback de quem vivencia a mudança é fundamental para que não se corra o risco de comprar um modelo pronto que não leva em consideração a nossa realidade.

abstract&tlng=pt. Acesso em: 28 maio 2019.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Nyedja Nara Furtado de. Trabalho e estudo: uma conciliação desafiante. Campina Grande: REALIZE, 2012.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 53. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MARCHELLI, Paulo Sergio; DIAS, Carmen Lúcia; SCHMIDT, Ivone Tambelli. Autonomia e mudança na escola: novos rumos dos processos de ensino-aprendizagem no Brasil. Revista Psicopedagogia, v. 25, n. 78, São Paulo, 2008.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

MOSÉ, Viviane. A escola e os desafios contemporâneos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

MOSÉ, Viviane. Nietzsche hoje: sobre os desafios da vida contemporânea. Vozes: Petrópoli- RJ, 2018.

UNIFAGOC - Centro Universitário Governador Ozanam Coelho. Disponível em: <https://fagoc.br/institucional/inova-fagoc>. Acesso em: 09 out. 2019.

VALENTE, José Armando. Blended learning e as mudanças no ensino superior: a proposta da sala de aula invertida. Educ. Rev. [online]. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602014000800079&script=sci_